

## **Aula de Liturgia**

### ***Catolica Domus***

#### **O que é a Liturgia?**

A Liturgia é a celebração do Mistério Pascal de Cristo, ou seja, se sua paixão, morte e ressurreição. É justamente entorno deste núcleo fundamental da fé, a Páscoa, que todas as ações rituais da Igreja são organizadas e celebradas. É o momento de celebrarmos a presença do Senhor entre nós e de fazer verdadeiro encontro pessoal com Ele.

#### **Ano Litúrgico**

Durante o ciclo de um ano, o Ano Litúrgico, é revelado “todo o mistério de Cristo, (...) desde a encarnação e nascimento até à ascensão, pentecostes e à expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor” cf. SC 102. Ele nos propõe um caminho espiritual, ou seja, a vivência da graça própria de cada aspecto do mistério de Cristo, presente e operantes nas diversas festas e nos diversos Tempos Litúrgicos (Advento, Natal, Quaresma, Pascoal e Comum).

#### **O Rito da Missa**

A Missa é composta basicamente por duas partes que são a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Existe também um Rito Inicial e um Rito Final. Esses dois ritos expressam uma eclesiologia, ou seja, mostram que é Deus que nos chama e convoca para nos reunir no amor de Cristo, na força do Espírito Santo, enviando o fiel em missão. Entendamos por ordem.

##### **Rito Inicial**

Este rito deve introduzir o cristão na Celebração, expressando com clareza que é Deus quem nos reúne. Também nos mostra “o que” vamos fazer durante a Missa. Ter claro esse conceito ajuda a entender a razão de cada um de seus elementos.

*Canto de entrada* – O canto deve dizer o que estamos fazendo naquele momento, ou seja, um encontro com Jesus Cristo. Deve levar a assembleia a perceber o tema do mistério a ser celebrado sem fugir do foco central, a revelação da pessoa e do mistério do Senhor (ΚΥΡΙΟΣ) que se revelam na Liturgia. Deve acompanhar a entrada de toda a procissão e parar quando o presidente da celebração estiver pronto para fazer a saudação inicial.

*Procissão de entrada* – A procissão nos remete aos primórdios da Igreja. É inspirada na chegada do imperador romano. Porém, nosso único e verdadeiro Imperador é Jesus Cristo. A cruz se tornou o estandarte que anuncia sua chegada. Sua Palavra o precede (Evangeliário). Os ministérios que vão atuar na cerimônia seguem a sua frente. Por fim, entra o Senhor, presente na pessoa do presidente (pré-sidere – sentar na frente).

*Saudação Inicial* – Consiste no sinal da cruz e a saudação com palavras bíblicas com as quais o presidente acolhe a assembleia. Essa deve ser a primeira expressão a ser rezada na liturgia. É em nome da Trindade que nos reunimos, o Pai nos chama para um verdadeiro encontro com o Filho e para nos inflamar com o Espírito. A saudação nos lembra que o Senhor está entre nós, seja no altar ungido, no Evangelho proclamado, no povo reunido e, principalmente, na pessoa do sacerdote – *Et cum spiritu tuo*.

Se necessário, quem preside ou outro fiel pode, logo a seguir, fazer uma breve introdução de forma muito objetiva do povo na Missa do dia.

*Ato penitencial* – Facilmente, este rito é confundido com o Sacramento da Penitência. Na verdade, é um momento de nos confessarmos penitentes e pequenos diante da

misericórdia de Deus. Quando rezado em forma de preces, o Missal Romano não apresenta acusações de pecados, mas gestos amorosos de Cristo para conosco. Senhor (Kyrie) é Jesus Cristo. Existem três fórmulas para esta oração no Missal Romano.

*Glória* - A palavra glória significa "brilho-esplendor". Este hino nos remete ao canto dos anjos na noite de natal. Cantar "Glória a Deus nas alturas" significa acolher a revelação divina que se manifesta na encarnação do Verbo, "imensa glória" da Trindade. Por isso, este hino é cristológico e cristocêntrico. Aparece pela primeira vez nos registros litúrgicos por volta do ano 400, passa a fazer parte das liturgias episcopais e solenes, em seguida, é fixado no texto da missa. O texto é fixo e cantado por todos ou pelos cantores, se não for cantado, deve ser recitado. No tempo do Advento e da Quaresma, este hino não é entoado

*Oração do dia* - também chamado de Oração da Coleta, pois é o momento em que o padre recolhe em sua prece as intenções de todos os fiéis e as eleva ao Pai por meio de Jesus Cristo.

### **Liturgia da Palavra**

Na Liturgia da Palavra, Deus nos chama e propõe as condições da aliança, o povo as ouve e aceita. Cristo, no Evangelho, é a chave de toda a interpretação bíblica (leituras) e dos acontecimentos atuais que carregamos em nossa história. A Palavra proclamada é sinal da presença real de Cristo entre nós, bem como, de sua atuação em nossa vida por meio do Espírito Santo. É o próprio Senhor que fala através do leitor. Daí a importância de uma boa preparação.

Na tradição da Igreja, quem proclama as leituras são os ministros leigos. Cabe aos ordenados (diáconos ou padres) a proclamação do Evangelho. Toda a Liturgia da Palavra gira em torno do Ambão ou do Púlpito, conforme a arquitetura da igreja e é herança das primeiras comunidades cristãs ainda vinculadas ao Judaísmo e suas sinagogas.

É importante enfatizar que o Evangelário (livro com os textos do Evangelho) é trazido na Procissão de Entrada, no começo da celebração. Caso a comunidade apenas tenha o Lecionário, pode ser usado no lugar do Evangelário, porém, não goza da mesma solenidade. Em últimos casos, a Bíblia também pode ser trazida, contudo, lembra-se que a não é um livro litúrgico uma vez que pode ter diversidade nas traduções.

O anúncio das leituras se dá diretamente na citação "*Leitura do ...*". As expressões "Primeira Leitura" ou "Segunda Leitura" ou, ainda, "Salmo Responsorial" não são lidos ao público, uma vez que são apenas orientações para os leitores.

*Leituras* - A Primeira Leitura é tirada do Antigo Testamento, exceto no tempo Pascal. A Segunda Leitura é sempre tirada do Novo Testamento. Não é permitido que elas sejam suprimidas, abreviadas, ou substituídas por outros textos não bíblicos. Devem ser proferidas sempre do ambão. No final da leitura, o leitor ou mesmo outra pessoa pode cantar a saudação final "Palavra do Senhor!", termo que significa "mensagem", não palavras por palavras, por isso segue no singular.

*Salmo* - O Salmo é, na verdade, um texto de meditação ligado leitura que o antecede. Assim, cada salmo já está relacionado com um texto bíblico e sua escolha depende da leitura. Nem sempre é um texto do Livro dos Salmos, pode ser também de outras partes bíblicas, mas sempre fazendo referência ao texto que o antecede. Deve ser proferido do ambão e, caso seja cantado, em extrema necessidade, poderá ser cantando de outro lugar adequado, mas nunca omitido.

*Sequência* - As Sequências são facultativas, exceto na Páscoa e Pentecostes. Normalmente, é um texto organizado para canto que traz em si um conteúdo rico da compreensão dos textos da Liturgia mais a doutrina da Igreja a ser celebrada. Também esta deve ser proferida do ambão.

*Aclamação* - Após a Segunda Leitura ou, não havendo esta, depois do Salmo Responsorial, segue o canto do "Aleluia", quando ele pode ser dito. No Tempo da Quaresma, ele é substituído por um outro versículo bíblico. Caso nenhum dos dois seja cantado, eles podem ser omitidos. Em missas mais solenes, este canto pode ser repetido até que o ministro esteja pronto para começar a proclamação do Evangelho. É um momento de demonstrar a alegria de acolher entre nós o Cristo, que se faz presente na Palavra Proclamada.

*Proclamação do Evangelho* - Este é o momento ápice da Liturgia da Palavra. Durante a Missa, deve ser sempre proferido por um diácono ou um sacerdote. Se houver o Evangelário, o ministro o toma de cima do altar e o leva ao ambão. Do contrário, dirige-se direto ao ambão, onde estará o Lecionário. Se possível, o ministro canta o Evangelho ou, ao menos, as saudações, inicial e final. Nas solenidades, pode ser acompanhado por ministros com velas ou tochas, bem como, o incenso.

*Homilia* - Convém que seja uma explicação das Leituras ou de algum outro texto do Ordinário da missa, ou ainda, de algum rito especial a ser celebrado. Via de regra, é o presidente da celebração que a profere, podendo delegar a outro sacerdote ou a um diácono. É sempre obrigatória aos domingos e festas de preceito. Vivamente recomendada também nos outros dias, sobretudo, nas férias do Advento, Quaresma e Tempo Pascal. Porém, não é obrigatória nos demais dias da semana.

*Profissão de fé* - é uma resposta e um assentimento à Palavra de Deus, bem como, recordar a regra de fé antes de começar a celebração Eucarística. É recitado pelo sacerdote e pelo povo aos domingos e solenidades. Quando cantado, o Credo, como é chamado, deve ser por todo o povo ou alternado com os cantores. Esta oração surge no início da Igreja, nos ritos batismais, para fazer a profissão da fé e, aos poucos, foi introduzida na missa. Pode ser usado tanto o Símbolo Apostólico como o Símbolo Niceno-Constantinopolitano.

*Oração Universal* - Comumente chamada de "Preces", é o momento em que o povo exerce o múnus sacerdotal e eleva ao Pai os seus pedidos. É proferida no Ambão por um leitor, preferencialmente, leigo. Devem sempre ser dirigidas à Deus, seja à Trindade ou a uma das três Pessoas Divinas. Normalmente são organizadas na seguinte série, pelas necessidades da Igreja, pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo, pelos que sofrem qualquer dificuldade e pela comunidade local. Em celebrações especiais, porém, como sacramento e exéquias, podem se referir mais estreitamente a tais circunstâncias. São introduzidas e concluídas pelo sacerdote. Em casos de extrema solenidade, um diácono ou um cantor podem entoar as intenções e, no fim, o povo aclama.

### **Liturgia Eucarística**

Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a ceia pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, quando o sacerdote, representante do Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e o entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória. MR. A Igreja dispôs toda a celebração da Liturgia Eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo.

*Preparação das oferendas* – Normalmente chamamos de “ofertório” o que, na verdade é apenas uma apresentação do pão (hóstias e partículas), do vinho e da água que, como Jesus usou, também nós usamos. Não devem ser apresentados símbolos, mas o próprio material que será usado na consagração. A procissão das oferendas expressa a vida que ofertamos junto ao pão e vinho, mostra que nesta “materialidade” está o valor do corpo, do trabalho e da caridade que se concretiza no partir do pão e dos bens.

O sacerdote recebe as oferendas e bendiz ao Senhor por elas e pelo trabalho humano (vida) que se soma aos elementos. Ao incensar, manifestamos nosso desejo de que tal celebração chegue aos céus como louvor e adoração. O rito do “Lavabo”, em que o sacerdote lava as mãos é uma necessidade que nasce em comunidades em que as esmolas não são dadas em valores de dinheiro recolhidos em “cofrinhos”, mas em produtos das colheitas e cultivos das famílias.

Todo o rito deve ser acompanhado de canto até que o sacerdote esteja pronto para convidar o povo à oração sobre as oferendas. Diante de tal convite, o povo afirma que, pelas mãos do sacerdote, a assembleia reunida oferece tal sacrifício. Então, o sacerdote reza apresentando as oferendas ao Senhor.

*Oração Eucarística* – O momento de nos unirmos a Cristo para oferecer em ação de graças o único e verdadeiro sacrifício, capaz de sanar o mal do mundo e dos nossos corações, de quitar nossos pecados e garantir-nos a salvação eterna.

Por um breve diálogo, reconhecemos a presença de Cristo na pessoa do sacerdote que nos reúne em torno do altar, a elevar nosso coração (todo nosso ser) aos céus e rendermos graças ao Senhor.

- Somos convocados a celebrar a grande ação de graças por meio do Prefácio, que nos apresenta os motivos pelos quais queremos agradecer.

- Com tal motivação, nos unimos a toda a Igreja (terrena, celeste e padecente) para aclamar o Senhor, cantando o hino do “*Sanctus*”.

- Pela epiclese, pedimos que o Senhor envie o Espírito Santo para santificar os dons oferecidos, transformando-os no corpo e sangue de Cristo.

- Perpetuamos o mistério de Cristo pela narrativa da instituição e consagração.

- Pela anamnese, seguindo o mandado de Cristo que nos foi transmitido pelos Apóstolos, fazemos memória da paixão, morte, ressurreição, ascensão e espera da parusia.

- Pela oblação, a Igreja faz o verdadeiro ofertório a Deus, ofertando o Corpo de Cristo e, com ele, todos os fiéis que, em Cristo, pelo Espírito, formam um só corpo.

- Pelas intercessões, rezamos nossa união com toda a Igreja terrena e celeste.

- Pela doxologia final, por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo, o sacerdote exprime exultante glorificação a Deus. A Assembleia, por fim, aclama com o “Grande Amém”.

*Rito de Comunhão* – A Eucaristia é um sacrifício no qual oferecemos à Deus o Corpo e o Sangue do Senhor. Mas é, também, ceia pascal. Com isso, para exprimir melhor tal dimensão, convém que os fiéis sejam alimentados de tal mesa.

- A oração do Senhor – *Pai nosso* – é introduzido pelo sacerdote e rezado por todos, porém, não concluído com o “amém”. O padre continua o pedido de que o Senhor nos afaste do mal e do pecado – embolismo – e, concluímos a oração do Senhor com uma doxologia. Toda esta parte do rito pode ser cantada.

- O rito da paz é introduzido por uma oração sacerdotal que pede paz e unidade para a Igreja e toda a família humana, exprimindo a caridade que deve existir entre aqueles que participam do mesmo pão.

- O gesto de partir o pão é funcional e simbólico pois ajuda na praticidade da distribuição e, antes de tudo, é sinal de que mesmo sendo muitos, formamos de um só corpo. A mistura de um pedaço de pão no cálice nos lembra que quem comunga de uma espécie, também comunga da outra. O canto do *Cordeiro de Deus* acompanha a fração e a mistura como reconhecimento do mistério de Cristo presente nos elementos eucarísticos.

- O sacerdote faz uma preparação pessoal para receber a eucaristia e reverencia a presença do Senhor diante dele. Depois, apresenta ao povo o Corpo de Cristo com palavras do Evangelho, lembrando-nos quem é o Senhor em nossa vida.

- É possível receber a comunhão de várias maneiras. A mais comum e antiga é de colocarmos uma mão sobre a outra, formando como que um "trono". Pode-se receber direto na boca. Sob duas espécies, pode-se fazer por intinção ou bebendo direto no cálice. O canto de comunhão deve favorecer tal momento com letras que falem do mistério eucarístico.

- A Oração depois da Comunhão conclui o rito, pedindo que os sacramentos que recebemos nos ajudem a viver o que celebramos.

### **Ritos Finais**

Este momento está fortemente relacionado com os Ritos Iniciais. O mesmo Senhor que nos chamou para participar deste encontro de amor, agora nos envia em missão. É em nome da Trindade que nos reunimos, é a Trindade que nos acompanha. Assim, Deus nos torna "sacramentos da unidade e de salvação", ou seja, sinais vivos da presença divina no mundo.

Antes de começar os Ritos finais, pode-se fazer uma brecha na celebração para dar breves avisos, fazer agradecimentos ou algum outro rito indicado para este momento. É importante não romper com a espiritualidade e o clima de oração, pois ainda estamos dentro da missa e na casa de Deus.

A *Bênção final* é precedida do reconhecimento de que o Senhor continua presente e operante na liturgia e, depois, no nosso caminhar. A Trindade toda nos acompanha para sermos missionários. A *saudação final* deve manifestar esta alegria da ação contínua do Senhor. Por isso aclamamos "Graças a Deus!".

### **Silêncio**

O *Silêncio* faz parte da liturgia. Assim como os gestos, torna-se sinal de participação, pois não é um "não fazer nada", antes, um instrumento eficaz para absorvermos o significado de cada momento litúrgico.

Que momentos devem ser enriquecidos com o silêncio? O ambiente de acolhida no espaço litúrgico deve ser silencioso; no ato penitencial, para o exame de consciência; entre as leituras e no final da homilia, para meditar a Palavra; na consagração, para que nada venha distrair este momento tão forte, nem música instrumental; depois da comunhão, para contemplarmos o mistério da presença de Deus em nós...

### **Espiritualidade Litúrgica**

De uma forma muito simplificada, pode-se dizer que espiritualidade é um estilo de vida regido e orientado por valores espirituais – religiosos. A espiritualidade litúrgica, por sua vez, tem por princípio orientar-se a partir da experiência litúrgica de um determinado seguimento religioso.

Um exemplo bem fácil de ser compreendido é, sem dúvida, o estilo de vida de alguns povos indígenas. Tendo uma inter-relação entre o contato com a natureza, as

crenças religiosas e os valores morais criados no decorrer de suas experiências comunitárias, eles partem de valores religiosos para cultivar a terra e buscar alimentos, celebram em ritos litúrgicos a relação com a natureza em sua dinamicidade, e criam um sistema moral baseado na sacralidade da natureza.

Criar um estilo de vida cristã, baseado na espiritualidade litúrgica será, assim, uma contínua escolha pelos valores do Reino de Deus, de tal forma inspirada na dinâmica da liturgia. É experimentar o Cristo e seu Mistério Pascal e deixar-se conduzir por esta “certeza” de ser amado e amante de Deus.

A liturgia também é ofertório e sacrifício, por isso, uma espiritualidade litúrgica também deve estimular o fiel a oferecer-se diariamente à Deus, entregando-se como quem se doa e glorifica o Senhor. Entregar-se nas mãos de Deus significa assumir o compromisso de tornar-se “semeador do Reino”. É carregar as alegrias da Boa Nova aos que caminham nas sobras, é fazer-se missionário e arauto desta alegria cristã, é servir o próximo na certeza de que você já foi servido pela cruz de Cristo. O sentido sacrificial, por sua vez, passa a ser uma glorificação à Deus, que nada aumenta ou muda no que Ele é em si, antes, faz brilhar sobre a humanidade a experiência do único Deus verdadeiro, que tudo criou por amor a seus filhos.

É uma espiritualidade que tem seus pés firmes no tempo presente, mas que celebra seu passado e seu futuro. A liturgia é uma experiência que rompe com o “*cronos*” e, por uma centelha de tempo, pode-se tocar a eternidade e tudo o que abraça o antes e o depois do agora. Tudo isso porque, durante a celebração, fazemos memória e, de certa forma, revivemos sacramentalmente a história da salvação e o Mistério Pascal. Ainda, a liturgia faz transbordar a esperança de cada fiel nas promessas do Reino dos Céus e da Parusia, arremessando o olhar de cada crente e inspirando-o a cantar mais uma vez, como a Igreja nascente, “*marana tha!*”.